CONVERSAS DE BOIS E DE BESTAS DE CARGA: APROXIMAÇÕES ENTRE GUIMARÃES ROSA E AQUILINO RIBEIRO

SPEAKERS ANIMALS: APPROACHES BETWEEN GUIMARÃES ROSA AND AQUILINO RIBEIRO

Marília Angélica Braga do Nascimento[1]

RESUMO: Embora tenham vivido em contextos diferentes — um, aquém, outro, além-mar –, João Guimarães Rosa (1908-1967) e Aquilino Ribeiro (1885-1963) podem ser aproximados por certos pontos de contato perceptíveis em suas obras, quando as examinamos com detida atenção. É possível observar analogias e, ao mesmo tempo, discrepâncias a partir de um olhar lançado sobre o estilo dos dois autores e sobre algumas de suas narrativas. É inegável que ambos trabalharam de forma autêntica com o regionalismo, a linguagem e a imaginação. Nesse sentido, este breve estudo objetiva contribuir, ainda que minimamente, para a ampliação do diálogo entre as obras dos escritores supracitados, apontando convergências entre elas. Para tanto, sob um viés comparatista, colocamos em confronto os contos "À hora de vésperas", publicado em *Jardim das tormentas* (1913), obra de estreia do escritor português, e "Conversa de bois", de *Sagarana* (1946), primeiro livro de contos do escritor brasileiro. Tocamos, inicialmente, de modo breve, na questão regionalista e analisamos, em seguida, as narrativas em epígrafe, focalizando os animais que nelas comparecem, em certos momentos, como verdadeiros protagonistas. Compreendemos que esse protagonismo manifesta-se, notadamente, pelo recurso da personificação e pelos diálogos que os animais travam entre si, em ambos os textos confrontados.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Aquilino Ribeiro. Regionalismo. "Conversa de bois". "À hora de vésperas".

ABSTRACT: Although they lived in different contexts, João Guimarães Rosa (1908-1967) and Aquilino Ribeiro (1885-1963) can be approximated by certain contact points noticeable in their works when we examine them with close attention. From a look taken on the style of both authors, analogies and discrepancies are seen at the same time on some of their narratives. Both authors worked authentically with regionalism, language and imagination. In this sense, this study aims at contributing to expand, even minimally, the dialogue between the works of the aforementioned writers, pointing out their similarities and differences. To do this, two tales were put in confrontation, that is, "À hora de vésperas", published by *Jardim das tormentas* (1913), the debut work

1 Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, campus Ipanguaçu. Mestre e doutoranda em Letras, com área de concentração em Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Endereço eletrônico: mariliaadbv2006@yahoo.com.br

of the Portuguese writer, and "Conversa de bois", published by *Sagarana* (1946), which was the first book of short stories by the Brazilian writer. First we touched on the question of regionalism and analyzed both narratives focusing on the protagonist role witch is played, in certain moments, by the animals of the two stories. We understand that this role is manifested, in particular, by the use of personification and the dialogues which animals have among themselves.

Keywords: Guimarães Rosa. Aquilino Ribeiro. Regionalism. "Conversa de bois". "À hora de vésperas".

GUIMARÃES ROSA, PORTUGAL E AQUILINO RIBEIRO

Não são distantes as relações entre João Guimarães Rosa e Portugal, conforme testemunho do próprio escritor em escassas conversas ou entrevistas feitas com ele, mormente quando levantadas indagações em torno de leituras e influências. Ao escritor e jornalista Arnaldo Saraiva, em entrevista realizada em 1966, quase um ano antes de sua morte, o autor de *Grande Sertão: Veredas* (1956) disse que estivera em terras lusitanas por três vezes: em 1938, por apenas um dia, de passagem a caminho da Alemanha; em 1941, permanecendo por quinze dias, em missão diplomática; e em 1942, por um mês, quando regressava para o Brasil em decorrência da segunda grande guerra. Na ocasião, porém, Rosa assevera que não travara contato com escritores portugueses, pois ainda não era "escritor". Seu interesse naquele momento era conhecer o povo português, por ele considerado como detentor de admirável "integridade afetiva". Além disso, acrescenta que sua família, pelo lado materno, tem origem portuguesa, em Trás-os-Montes.

Por causa de seu afã em trabalhar com a língua, explorando suas virtualidades, o autor de *Sagarana* confessa ter verdadeira paixão pelos escritores portugueses antigos, como Fernão Mendes Pinto e Bernardim Ribeiro, por exemplo. No que se refere aos modernos, cita Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós entre os lidos por ele frequentemente. Outra declaração é a de que, quando pensa em Portugal, se torna muito materialista, pois aprecia muito os vinhos e a culinária daquele país.

No que toca à influência, o escritor mineiro faz uma interessante revelação ao jornalista supracitado:

> E vou dizer-lhe uma coisa que nunca disse a ninguém: o que mais me influenciou, talvez, o que me deu coragem para escrever foi a História Trágico-Marítima. Já vê, por aqui, que as minhas "raízes" estão em Portugal e que, ao contrário do que possa parecer, não é grande a distância "linguística" que me separa dos portugueses. (SARAIVA, 2000, p. 30).

Nessa confissão, constatamos não só o apreço do escritor pela literatura portuguesa, como também o reconhecimento de origens que passam por uma identidade linguística entre Brasil e Portugal. A História Trágico-Marítima por ele aludida constitui uma coleção de relatos e notícias de naufrágios, acontecidos aos navegadores portugueses, reunidos por Bernardo Gomes de Brito e publicados em 1735.

Quanto ao contato com Aquilino Ribeiro, na mesma entrevista a Arnaldo Saraiva, Rosa afirma ter conhecido o escritor português de modo acidental, ao entrar numa livraria no Chiado. Tendo pedido alguns de seus (de Aquilino) livros, é convidado, por

um funcionário do estabelecimento, a conhecê-lo, pois, naquele momento, ali estava o autor de *Terras do Demo*. Na oportunidade, colhe alguns autógrafos, mas o encontro limita-se a isso. Tempos depois, quando da vinda de Aquilino ao Brasil, um novo contato ocorreria, em um jantar que lhe fora oferecido, mas, segundo Rosa, nesse momento, o escritor português não teria, naturalmente, se recordado dele, porque este não se apresentara como escritor nem lhe falara sobre o assunto.

Ao ser interrogado sobre uma possível influência de Aquilino, Rosa afirma gostar do escritor beirão, sobretudo do livro *Aventura maravilhosa*, mas acredita não ter recebido alguma influência daquele, a não ser pelo fato de ser influenciado por tudo o que lê. Acrescenta que, antes de 1941, conhecia pouca coisa de Aquilino e que *Sagarana* fora escrito em 1937.

Não obstante a atitude esquiva de Rosa, podemos, sem dúvida, observar pontos de contato entre ambos os autores. A esse respeito, Fábio Lucas (2011) aponta a riqueza da linguagem, a autenticidade do regionalismo, a combinação do clássico com o popular, a imaginação candente como constantes presentes nas duas produções.

GUIMARÃES ROSA, AQUILINO RIBEIRO E O REGIONALISMO

O escritor mineiro marca seu lugar na cena literária brasileira com a publicação de *Sagarana*, livro que provoca um verdadeiro desnorteamento na crítica de então, que ficou atordoada com o estilo peculiar observado nas narrativas enfeixadas no volume publicado em 1946.

Pensando a questão regionalista e sua inclusão entre os escritores dessa vertente, na conversa que teve com Günter Lorenz, em 1965, Guimarães Rosa salienta o fato de que, entre os brasileiros, o regionalismo tem um significado diferente do europeu. Assim, ele afirma:

> É necessário salientar pelo menos que entre nós o "regionalismo" tem um significado diferente do europeu [...] Naturalmente não se deve supor que quase toda a literatura brasileira esteja orientada para o "regionalismo", ou seja, para o sertão ou para a Bahia. Portanto, estou plenamente de acordo, quando você me situa como representante da literatura regionalista [...] Veja, sou regionalista porque o pequeno mundo do sertão... [...] este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo. (LORENZ, 1991, p. 66).

O autor de *Grande Sertão: Veredas* vê-se como um legítimo "homem do sertão", um genuíno sertanejo que, no exercício da criação literária, se sente transportado para o mundo onde nasceu e viveu boa parte de sua trajetória, no qual teve a oportunidade de tomar conhecimento de várias histórias e de conviver com os bichos e as plantas que comparecem em seus textos, a ponto de estabelecer íntima relação entre vida e produção: "é impossível separar minha biografia de minha obra." (LORENZ, 1991, p. 66).

Antonio Candido destaca a autenticidade e a longevidade do regionalismo construído por Guimarães Rosa, uma vez que, em seu ponto de vista, a obra rosiana sobrepõe-se sobremaneira às convenções literárias do período em que vem à tona. Para ele, "*Sagarana* nasceu universal pelo alcance e pela fatura. A língua parece finalmente ter atingido o ideal da expressão literária regionalista. Densa, vigorosa, foi talhada no veio da linguagem popular e disciplinada dentro das tradições clássicas." (CANDIDO,

2002, p. 186). Ao crítico interessa principalmente a questão do mundo representado por Rosa, assinalando o fato de que o escritor não se preocupa em esconder que está fazendo ficção, a região por ele apresentada é uma construção na qual um dos elementos fulcrais é a linguagem.

Álvaro Lins (1963) é outro crítico que faz coro com os demais ao considerar Guimarães Rosa como um escritor autêntico. Para ele, *Sagarana* vem a ser "o retrato físico, psicológico e sociológico de uma região do interior de Minas Gerais, através de histórias de personagens, costumes e paisagens, vistos ou recriados sob a forma da arte de ficção." (LINS, 1963, p. 259). O estudioso observa que o regionalismo rosiano é transfigurador, pois, através de uma imaginação candente, o escritor confere vida interior, inclusive, aos bichos retratados em sua obra.

Aquilino Ribeiro, por sua vez, natural da Beira Alta, resume algumas das características dessa região nas seguintes palavras: "brutalidade e melancolia, rijeza e desespero, perspectivas abstratas e um sentido da vida muito concreto — eis a Beira Alta" (RIBEIRO apud MENDES, 1960, p. 55). Esse cenário brutal, rijo e concreto ao qual o escritor se refere costuma comparecer frequentemente em sua ficção. O torrão natal pode ser vislumbrado em várias de suas obras, notadamente naquelas que lhe conferiram a designação de regionalista, deixando transparecer, em toda a sua vitalidade, a linguagem, os costumes, os tipos humanos beirões.

Adotando um posicionamento que primava pela independência estética, Aquilino não se filia a nenhuma das correntes literárias vigentes em sua época, perseguindo um ideal particular de originalidade, aludido em vários textos: "ninguém tem mais horror a fórmulas do que eu. A fórmulas, cânones de escolas e tiranias da moda. Fórmulas em arte equivalem a muletas e eu não só não uso bengala como entre dois caminhos escolho sempre o menos trilhado [...]." (RIBEIRO, 1985, p. 8). No mesmo texto, persistindo no tom veemente, ele menciona sua relação com a questão regionalista:

> Em verdade, se [ser] regionalista é ter descrito outra coisa que não Lisboa, não reclamo melhor diploma. Porém, se ser regionalista é dar o meio e a comparsaria na sua modalidade léxica, descer o escritor, despersonalizando-se, à reprodução e não interpretação, só me convém o título para duas ou três centenas de páginas de meia dúzia de livros que escrevi. (RIBEIRO, 1985, p. 8).

No trecho sobrescrito, o escritor rechaça, por considerar negativa, a designação de regionalista que a crítica sua contemporânea lhe atribuiu. Apesar das hesitações em torno do rótulo que lhe fora imposto e do consequente desejo de se desvencilhar dele, o autor de *O Malhadinhas* (1958) não conseguiu abandonar os aspectos telúricos que moldaram seu espírito e os quais conferiram a uma parte significativa de seus escritos uma dimensão regional que o coloca em posição de destaque na literatura portuguesa. Por conseguinte, Aquilino deve, sim, ser inserido "no leque dos escritores que deram estreita atenção a realidades regionais" (ALMEIDA, 1993, p. 25).

OS BOIS FALANTES

Não é incomum encontrarmos a presença de animais exercendo um papel significativo no entrecho das estórias rosianas. Exemplos podem ser vistos em algumas das narrativas de *Sagarana*, como o burrinho pedrês, personagem da narrativa homônima,

e a irara e os bois de "Conversa de Bois". Um olhar arguto sobre o texto percebe que essas presenças não são gratuitas, nem irrelevantes, assumindo, antes, um lugar de destaque e uma função importante no desenrolar do fio narrativo. Assim ocorre com os bois tagarelas do conto acima referido. Na verdade, podemos mesmo dizer que a compreensão do leitor, em boa medida, é mediada pela perspectiva desses animais.

"Conversa de Bois" já se inicia com uma atmosfera que lembra as narrativas próprias do gênero maravilhoso, como os contos de fada: "Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas." (ROSA, 1984, p. 303). A partir de então, o leitor parece ser convidado a imergir num mundo de fábulas. A capacidade falante dos animais é assegurada, segundo o narrador, por Manuel Timborna: "— Falam, sim senhor, falam! [...] Mas, e os bois? Os bois também?... — Ora, ora!... Esses é que são os mais!... Boi fala o tempo todo." (ROSA, 1984, p. 303).

Os quadrúpedes falantes de Guimarães Rosa puxam um carro-de-bois guiado por Tiãozinho, que conduz o cadáver do pai ao cemitério. Buscapé e Namorado compõem a primeira parelha, são os bois da guia. Capitão e Brabagato, maiores que os primeiros, vêm em seguida, compondo a junta do pé-da-guia. A terceira junta, do pé-do-coice, é formada por Dançador e Brilhante, ainda maiores que os anteriores. A quarta e última parelha, a junta do coice, é composta por Realejo e Canindé, os maiores de todos. O primeiro a se pronunciar, dando início à conversa, é Brilhante, o mais falante do grupo:

"Nós somos bois... Bois-de-carro... Os outros, que vêm em manadas, para ficarem um tempo-das-águas pastando na invernada, sem trabalhar, só vivendo e pastando, e vão-se embora para deixar lugar aos novos que chegam magros, esses todos não são como nós..." (ROSA, 1984, p. 308).

É interessante observar aqui a distinção que o animal faz entre ele, juntamente com os colegas de trabalho, e os bois que não trabalham puxando carro, como se estes últimos fossem de uma espécie diferente. Essa observação é complementada por Brabagato: " — Eles não sabem que são bois... — apoia enfim Brabagato, acenando a Capitão com um esticão da orelha esquerda. — Há também o homem..." (ROSA, 1984, p. 308). Neste último trecho, é significativa a afirmação de que os bois que não trabalham "não sabem que são bois". Em outros termos, emite-se aqui a ideia de que o trabalho constitui a essência de ser boi, de modo que aqueles que não o executam são inconscientes disso, não se reconhecendo, portanto, como bois.

Mais adiante na narrativa, o leitor se depara com outro aspecto interessante, a aproximação entre bois e homem no que se refere à capacidade de pensar.

> Só nós, bois-de-carro, sabemos pensar como o homem!... [...] — Podemos pensar como o homem e como os bois. Mas é melhor não pensar como o homem... — É porque temos de viver perto do homem, temos de trabalhar... Como os homens... Por que é que tivemos de aprender a pensar?... — É engraçado: podemos espiar os homens, os bois outros... (ROSA, 1984, p. 311).

O trecho acima alterna as falas dos animais, acentuando o recurso da personificação utilizado pelo autor ao evidenciar a racionalidade dos bois. De acordo com Massaud Moisés (1978, p. 422), a prosopopeia, mais conhecida como personificação, é uma "figura de retórica que consiste em atribuir vida, ou qualidades humanas, a seres inanimados, irracionais, [...]. Espécie de humanização ou animismo". É exatamente isso que

observamos ocorrer aos bichos e a outros seres "irracionais" presentes em narrativas de Guimarães Rosa e Aquilino Ribeiro, conforme veremos adiante.

Volvendo ao trecho supracitado, a faculdade de raciocínio dos bois rosianos teria sido adquirida em virtude da convivência com o homem e da necessidade de trabalhar. Chevalier e Gheerbrant apontam, entre outros aspectos, a capacidade de trabalho e de sacrifício relacionada aos bois: "o boi é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica; de *capacidade de trabalho e de sacrifício*, escreve Devoucoux a propósito do boi da visão de Ezequiel e do Apocalipse." (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1990, p. 137, grifo dos autores). De fato, os bois rosianos mostram, ao longo da narrativa, o trabalho que exige resistência, sacrifício, não só pelo esforço de puxar o carro carregado, mas também por fazê-lo sob o calor proporcionado por um sol impiedoso: "Nem uma nuvem no céu, para adoçar o sol, que era, com pouco maio, quase um sol de setembro em começo: despalpebrado, em relevo, vermelho e fumegante." (ROSA, 1984, p. 307).

Vale ressaltar, ainda, que, se a racionalidade é, por um lado, aquilo que aproxima bois e homens, parecendo, por isso mesmo, um benefício, ela traz, por outro, desvantagens. Esse lado negativo é sugerido pelo questionamento "Por que é que tivemos de aprender a pensar?", anteriormente citado, e ampliado quando um dos bovinos traz à tona a questão do medo, logicamente suscitada pelo pensamento:

> — Pior, pior... Começamos a olhar o medo... o medo grande... e a pressa... O medo é uma pressa que vem de todos os lados, uma pressa sem caminho... É ruim ser boi-de-carro. É ruim viver perto dos homens... As coisas ruins são do homem: tristeza, fome, calor — tudo, pensado, é pior... (ROSA, 1984, p. 307).

Assim, a racionalidade proporcionada pela convivência com o ser humano torna-se, conforme o ponto de vista dos bois, algo ruim porque traz consigo sentimentos e sensações desagradáveis que são próprios da vida humana. Eles associam o pensamento ao medo e à pressa, talvez porque levem chicotadas para caminharem mais rapidamente. Além disso, a pressa é contrária à calma e à força pacífica associadas à figura do boi, conforme citação de Chevalier e Gheerbrant feita anteriormente. Em contrapartida, esses animais reconhecem a beleza presente na faculdade da razão: "É bonito poder pensar, mas só nas coisas bonitas... [...] O que é manso e bonito..." (ROSA, 1984, p. 311).

AS BESTAS DE CARGA QUE DIALOGAM

"À hora de vésperas", conto de Aquilino Ribeiro em questão, além de apresentar a força linguística, característica também marcante na escrita de Guimarães Rosa, traz ainda certos caracteres regionalistas próprios do cenário beirão comum às obras do autor português, como algumas descrições referentes à flora e à fauna da região. A narrativa gira em torno do drama do almocreve Isidro e de Rosária, sua companheira, os quais, por serem muito pobres, vivem amasiados pela falta de dinheiro para realizar a dispensa de um parentesco e receber a bênção eclesiástica para a união conjugal. Reproduzimos, a seguir, o trecho inicial:

> Naquele poviléu serrano enrijado a olhar o Marão e a Estrela, vivia um homem quase desprovido de bens ao luar e que se dava ao negócio de belfurinhas. Comprava aqui, vendia ali, e como os seus pesos não roubassem ninguém, granjeou muita freguesia e toda ela de bom pago.

> Um dia faleceu-lhe a mulher, deixando um menino que começava a gatinhar. Sentindo falta de governante de portas adentro, e como gostasse de Rosária, sua cunhada e comadre, passou a viver com ela, sem se importar com o nó da estola e os selos da lei. Pena tinham de não casar no eclesiástico, mas como eram pobres e a dispensa do parentesco custava os olhos da cara, não houve remédio senão faltar aos mandamentos da Santa Madre Igreja. (RIBEIRO, 1985, p. 129).

Conforme assinala Nelly Novaes Coelho (1973), a miséria é o que desencadeia o drama vivido pelo casal, provocando o restante das desgraças que lhe sobrevêm. Por serem desprovidos "de bens ao luar", não pagam a dispensa exigida pela Igreja, sendo rejeitados por esta e, via de consequência, pela comunidade, a ponto de Isidro perder seus fregueses para Corneta, comerciante desonesto.

Diante das adversidades, o almocreve vê-se obrigado a vender um dos animais que possui, Toiregas, uma besta de carga que, juntamente com Contrabandista, constitui, além da mulher, dos filhos e da casa, seu único bem, certamente de grande valia na execução de seu trabalho. Aliás, Coelho (1973) destaca "o papel dos animais na vida dos homens" como um dos fenômenos característicos do mundo da ficção aquiliniana.

A cena que põe em foco as duas bestas de carga de Isidro ganha certo lirismo, mudando um pouco o clima da narrativa, uma vez que a perspectiva passa a ser a delas. Mas a descrição inicial feita pelo narrador sugere um contraste entre o momento, de despedida, uma vez que Toiregas logo será vendido e separado de seu companheiro de aventuras e de seu dono, e a atmosfera do dia em que o episódio ocorre: "Estava um dia brando, sem sopro de aragem nem sol de crestar; grandes vagas de sombra arrastavam pela terra suas asas de corvo descomunais. Mas, pela folha, o canto das mondadeiras repercutia aos jubilosos tons da Primavera." (RIBEIRO, 1985, p. 139). Nesse trecho, podemos perceber certa contradição constituída por uma mescla de tristeza e de alegria, em que aquela é anunciada sobretudo pelas expressões "vagas de sombra" e "asas de corvo", e esta é assinalada pelo "canto" de "jubilosos tons da Primavera".

Outro aspecto que também se faz notório em Aquilino Ribeiro, assim como em Guimarães Rosa, é uma comunhão íntima entre os animais e a natureza em redor, algo perceptível em algumas passagens da cena acima referida, quando Toiregas e Contrabandista caminham juntos em estreita camaradagem:

> Um diante do outro, os machos choutavam lestos e regalados. Das veigas, para o rio, subia um hálito perfumado de centeios a pular ao sol, e eles, tanto como as demais criaturas, eram sensíveis à natureza, tendo consciência da boa quadra com os caminhos enxutos e a serra vestida pelo maio tintureiro. (RIBEIRO, 1985, pp. 139-140).

A comunhão aludida fica patente na sensibilidade da parelha de machos aos elementos naturais do caminho por onde passam. O recurso da personificação é igualmente notado por meio da "consciência" atribuída aos animais pelo narrador, que os equipara a outras criaturas capazes de sentir a natureza circundante.

Segundo o narrador, pelo hábito de passarem sempre pelos mesmos lugares, de conhecerem bem os trajetos tomados pelo amo, esses animais assumem uma postura humilde e resignada, aguardando-o e conduzindo-o, muitas vezes embriagado, "com o mesmo passo fiel e de alma não menos submissa", sem errar o caminho de volta para casa. A personificação é ratificada pelas qualidades humanas utilizadas para caracterizar

os bichos, entre elas, humildade, resignação, lealdade. Mas estas não devem ser vistas como inteira submissão ou aceitação de todas as ações humanas.

Voltando aos animais de Isidro, queremos destacar um trecho no qual podemos flagrar de modo mais nítido a atitude dialogal das duas bestas, processada na cumplicidade do olhar:

> À força de bater as cercanias, haviam-se familiarizado com as estradas, caminhos e atalhos, quintas e casais, penhas e florestas. Tudo apreendiam os seus olhos e mediante eles tudo contavam à natureza e se contavam uns aos outros, nanja aos homens que não eram bastante simples ou sagazes para os compreender. (RIBEIRO, 1985, p. 140).

No excerto, observamos, portanto, duas vias de diálogo: uma conversa que se realiza entre animal e natureza e outra que se processa entre os dois bichos. Os olhos são o meio capaz de captar a matéria do diálogo, funcionando também como canal para a comunicação em uma linguagem silenciosa compreendida apenas pela própria natureza ou pelos animais entre si, em virtude de sua simplicidade e sagacidade. O final da passagem indica, ainda, que tal conversa foge à compreensão humana, justamente por faltarem aos homens as duas virtudes acima assinaladas.

É pela ótica do animal que o leitor toma conhecimento dos percalços vividos por Contrabandista, por ele relatados ao Toiregas no estábulo: "Sabia apenas isto, e era este episódio que no silêncio do estábulo contava ao Toiregas, que o admirava e temia, porque era mais corpulento e mau do que ele." (RIBEIRO, 1985, p. 140, 142). Conforme o narrador, as experiências adquiridas pelos animais em suas andanças proporcionaram-lhes uma "sabedoria em que não fica margem nem para dedicações nem para afrontas." (RIBEIRO, 1985, p. 142), aspecto comum também aos bois rosianos, para os quais "perto do homem, só tem confusão". Assim, observamos que os animais conversam e estimam-se entre si, mas são reticentes em relação aos homens por muitas vezes sofrerem maus tratos e serem explorados em sua força de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos textos de Rosa e de Aquilino, não apenas os animais ganham caracteres humanos, a natureza também. Segundo Coelho (1973, p. 129), a animização da natureza é outra característica marcante da visão de mundo aquiliniana: "Decorrente de uma perfeita solidariedade entre 'homem' e 'espaço', a natureza adquire na palavra literária uma conotação humana." Nesse sentido, árvores, vegetações diversas, cenários de um modo geral, recebem por vezes configurações humanas que contribuem para conferir mais colorido, dinamismo, poetização às estórias contadas por ambos os escritores.

A parelha de bestas de carga de Isidro, assim como as parelhas de bois de Guimarães Rosa, guarda reservas em relação ao homem. Se, na narrativa rosiana, temos bois que se revoltam contra o autoritarismo do carreiro Agenor Soronho, unindo-se para esmagá-lo e realizar, em última instância, a desforra de Tiãozinho, menino que, à semelhança dos animais, também é maltratado pelo suposto amante da mãe, no conto aquiliniano, temos animais maltratados durante sua trajetória de vida, que "Não tinham amor ao dono, sem que contudo lhe votassem ódio.", pois, para eles, "Os homens eram todos os mesmos, sabiam-no à força de andar de mão em mão." (RIBEIRO, 1985, p. 141). O

sentimento expresso aqui parece coadunar com o dos bois-de-carro de Rosa, quando afirmam ser ruim viver perto dos homens e que as coisas ruins provêm deles.

A respeito da relação homem e animal em Aquilino Ribeiro, Coelho (1973) defende que, apesar da rudeza nela presente, ocorre uma entranhada ligação entre eles. Esse elo vai além de uma afeição sentimental, está mais relacionado à utilidade do animal como "instrumento" auxiliador do homem na luta contra os obstáculos da vida, ou seja, o bicho ajuda o ser humano em sua realização através do trabalho. Em contrapartida, justamente pelo caráter pragmático, essa ligação finda quando o animal perde sua "utilidade".

Em relação à narrativa de Rosa, a visão utilitária em torno dos animais não deixa de estar presente, uma vez que os bois-de-carro trabalham arduamente transportando cargas, submetidos aos abusos de autoridade de um carreiro impiedoso. Contudo, a "sabedoria" bovina que deixam transparecer nos diálogos que travam entre si conferem, em certos momentos, leveza e lirismo ao texto, algo que também ocorre no conto de Aquilino, embora em menor medida.

Assim, por meio da observação aos aspectos aqui destacados, apontamos o uso do recurso da prosopopeia como artifício criativo em Guimarães Rosa e em Aquilino Ribeiro e, ao mesmo tempo, como ponto de contato entre suas produções. Através desse expediente, bichos e outros seres irracionais ganham caracteres humanos que se somam a outros elementos próprios das respectivas criações literárias dos dois escritores, acrescentando dinamismo e vivacidade a narrativas que seduzem leitores também em nossos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Henrique. **Aquilino Ribeiro e a crítica:** ensaio sobre a obra aquiliniana e sua recepção crítica. Porto: Asa, 1993.

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária: Sagarana. In: INFORMAR ORG. **Textos de Intervenção.** São Paulo: Duas Cidades; 34, 2002, pp. 183-189.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Boi, búfalo. **Dicionário de símbolos.** 3. ed. Tradução: Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990, pp. 137-138.

COELHO, Nelly Novaes. **Aquilino Ribeiro:** Jardim das tormentas. São Paulo: Quíron, 1973.

LINS, Álvaro. Sagas de Minas Gerais. In:INFORMAR ORG. **Ensaios e estudos (1964-1960).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, pp. 258-264.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. pp. 62-97.

LUCAS, Fábio. Ficções de Guimarães Rosa: perspectivas. Barueri: Amarilys, 2011.

MENDES, Manuel (Coord.). **Aquilino Ribeiro.** Lisboa: Arcádia, 1960. (Coleção: A Obra e o Homem)

MOISÉS, Massaud. Prosopopeia. **Dicionário de termos literários.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. pp. 422-423.

RIBEIRO, Aquilino. À hora de vésperas. In: **Jardim das tormentas.** Lisboa: Bertrand, 1985, pp. 127-154.

____. Prefácio, da segunda edição. In: Volfrâmio. Lisboa: Bertrand, 1985, p. 5-11.

ROSA, Guimarães. Conversa de bois. In: ____. Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, pp. 301-338.

SARAIVA, Arnaldo. João Guimarães Rosa. In: Conversa com escritores brasileiros. Porto: Congresso Portugal-Brasil, 2000, pp. 27-32.